

Relato de experiência sobre estratégias de educação em saúde para o uso racional de medicamentos em crianças

Experience report on health education strategies for the rational use of medicines in children



**Bianca Saraiva Russo Costa¹, José Aurelio de Almeida Martins²,
Samille de Souza Gonçalves³, Mirelle Galeno Amaral⁴, Francisco Iuri da Silva Martins⁵,
Alana Santos Monte⁶, Aline Santos Monte⁷,**

RESUMO

O presente artigo é um relato de experiência do projeto de extensão “Educação em Saúde voltada para o uso racional de medicamentos em crianças: Empoderando pais e responsáveis” que teve como objetivo capacitar pais e responsáveis sobre o uso correto de medicamentos em crianças de 0 a 12 anos atendidas em um hospital localizado em Redenção, Ceará, no período de abril a outubro de 2023. O projeto foi elaborado pela Liga Acadêmica de Farmacologia e Farmácia Hospitalar (LIAFFH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Foram realizadas sete ações de educação em saúde: 1) *Quiz* de perguntas sobre automedicação pediátrica; 2) leitura e interpretação de bulas de medicamentos; 3) oficina de elaboração de caixas organizadoras de medicamentos; 4) exposição de formas farmacêuticas; 5) distribuição de folhetos informativos sobre o uso racional de antimicrobianos em crianças; 6) roda de conversa coletiva sobre a administração correta de medicamentos e preparações caseiras; 7) publicações sobre o uso racional de medicamentos em crianças no Instagram da LIAFFH. As ações de educação em saúde promovem a democratização do conhecimento e a segurança no uso de medicamentos. O projeto teve impacto significativo no empoderamento dos pais e responsáveis quanto à administração de medicamentos em seus filhos e, consequentemente na promoção do uso racional de medicamentos na pediatria.

Palavras-chave: Automedicação. Pediatria. Uso de medicamentos. Saúde Pública.

ABSTRACT

¹ Graduada em Farmácia. UNILAB, Redenção, Ceará, Brasil. E-mail: biancarusso03@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8722-4522>

² Graduado em Farmácia. UNILAB, Redenção, Ceará, Brasil. E-mail: aurelio.martins2017@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6086-7808>

³ Graduada em Farmácia. UNILAB, Redenção, Ceará, Brasil. E-mail: samillegoncalves10@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-6050-5594>

⁴ Graduada em Farmácia. UNILAB, Redenção, Ceará, Brasil. E-mail: mirellegalenoo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1050-0784>

⁵ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Biotecnologia. UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: iurimartins@aluno.unilab.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3524-5609>

⁶ Docente do Instituto de Ciências da Saúde. UNILAB, Redenção, Ceará, Brasil. E-mail: alanamonte@unilab.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8626-3527>

⁷ Docente do Instituto de Ciências da Saúde. UNILAB, Redenção, Ceará, Brasil. E-mail: alinesmonte@unilab.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2107-1196>

This article is an experience report of the extension project “Health Education Aimed at the Rational Use of Medicines in Children: Empowering Parents and Caregivers,” which aimed to educate parents and caregivers on the proper use of medications in children aged 0 to 12 years who were treated at a hospital located in Redenção, Ceará, between April and October 2023. The project was developed by the Academic League of Pharmacology and Hospital Pharmacy (LIAFFH) of the University for International Integration of the Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). Seven health education activities were carried out: 1) a quiz on pediatric self-medication; 2) reading and interpretation of medication package inserts; 3) a workshop on creating medicine organizer boxes; 4) an exhibition of pharmaceutical forms; 5) distribution of informational leaflets on the rational use of antimicrobials in children; 6) a collective discussion circle on the correct administration of medications and homemade preparations; 7) posts about the rational use of medicines in children on LIAFFH’s Instagram page. The health education activities fostered the democratization of knowledge and promoted the safe use of medications. The project had a significant impact on empowering parents and caregivers regarding the administration of medications to their children, thereby contributing to the promotion of rational drug use in pediatrics.

Keywords: Self Medication. Pediatrics. Drug Utilization. Public Health

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação consiste no uso de medicamentos por conta própria, sem consulta ou supervisão de um profissional de saúde, para tratar doenças ou sintomas autodiagnosticados (World Health Organization, 1988). Entretanto, essa medida pode acarretar agravos à saúde decorrentes do uso irracional destes medicamentos (Sen Tunc *et al.*, 2021). A automedicação muitas vezes pode trazer mais malefícios que benefícios ao organismo. Além disso, o indivíduo que se medica sem a consulta ou prescrição médica acaba acumulando medicamento em casa, o que aumenta o risco de confusão entre classes farmacológicas, ingestão de substâncias após a data de vencimento, ineficácia no tratamento causado pelo mau armazenamento do remédio ou até mesmo ingestão acidental por crianças (Costa *et al.*, 2022).

O risco associado a automedicação é ainda maior em populações vulneráveis, como a população pediátrica (Bedhomme *et al.*, 2023a). Em crianças, a farmacocinética e a farmacodinâmica dos medicamentos é diferente quando comparada aos adultos, sendo um público mais suscetível aos efeitos adversos potencialmente graves. Somado a isso, a população pediátrica é particularmente vulnerável a interações medicamentosas, podendo levar inclusive ao agravamento de uma patologia não diagnosticada (Bedhomme *et al.*, 2023b).

A automedicação em crianças está amplamente relacionada a fatores como falta de tempo para consultas médicas, confiança dos pais em conhecimentos prévios, facilidade no acesso aos medicamentos e a necessidade de aliviar imediatamente as dores da criança. Avaliando os fatores supracitados, observa-se que a facilidade de acesso aos medicamentos é o motivo prevalente para o uso indiscriminado de fármacos (Tiburcio; Luz; Andrade, 2023), o que pode levar quadros de intoxicação grave, resistência a antimicrobianos, piora do quadro clínico, dentre outros eventos adversos (Bomfim *et al.*, 2023).

Dados da Sociedade Brasileira de Pediatria mostram que todos os dias, cerca de 37 crianças e adolescentes (com idades de zero a 19 anos) sofrem os efeitos da intoxicação pela exposição inadequada a medicamentos. O risco de intoxicação medicamentosa é maior entre as crianças de um a quatro anos. Entre 1999 e 2016, mais de 130 mil casos acometeram crianças nessa faixa etária (SBP, 2018). Esses altos índices podem ser explicados pelas próprias alterações fisiológicas e farmacocinéticas da idade. As crianças, especialmente até os 2 anos de idade, possuem a função hepática e renal ainda imatura. Sendo assim, o metabolismo e a excreção, etapas da farmacocinética que ocorrem principalmente no fígado e nos rins, são reduzidas, causando um acúmulo do fármaco no organismo da criança (Anunciação *et al.*, 2020).

A intoxicação intencional ou acidental muitas vezes é impulsionada pelo elevado número de informações na internet, fazendo com que os pais automediquem seus filhos. Embora a ANVISA regule a propaganda, publicidade, promoção e divulgação de medicamentos através da RDC 96/2008, ainda existem propagandas que descumprem a resolução. Um estudo realizado por Fernandes e Matos (2016), avaliou 50 peças publicitárias e 20 propagandas divulgadas em meios de comunicação e constatou que 100% estavam em desacordo com pelo menos um dos artigos da resolução.

O uso racional de medicamentos para crianças também é prejudicado pela pouca quantidade de classes de medicamentos específicos para essa faixa etária, provocando a difícil conversão de doses adultas para pediátricas (Silva *et al.*, 2020). Essa escassez de formulações pediátricas no Brasil é observada de maneira semelhante em outros países. Apenas uma minoria de medicamentos recebe rotulagem para uso em recém-nascidos, lactentes e crianças (Schreiner, 2003). Assim, com tão poucos medicamentos contendo informações de rotulagem adequadas para orientar o uso, a prescrição *off-label* tem sido uma prática recorrente. No entanto, essa prática aumenta o risco de danos, pois as

crianças podem receber subdoses ou sobredoses, sendo, portanto, prejudicadas por medicamentos que podem não ser eficazes para suas condições (Singh *et al.*, 2025).

O conhecimento insuficiente dos pais sobre medicamentos e farmacoterapia somado à busca de soluções de baixo custo para problemas de saúde comuns são considerados problemas adicionais (Freitas; Moreira, 2024). Um estudo recente realizado no município de Redenção – Ceará analisou, através de entrevista com pais e responsáveis, o perfil da automedicação de 137 pacientes pediátricos atendidos em um hospital de alta complexidade. Observou-se que a prevalência da automedicação foi de 60%. Quanto à frequência e motivação, 43,2% dos pais e responsáveis entrevistados relatou realizar às vezes e 59,3% apontaram como principal motivo considerar o problema de saúde simples. A principal causa da automedicação foi a febre e os medicamentos mais utilizados foram analgésicos e antipiréticos (Santos *et al.*, 2023).

Apesar da temática “automedicação em crianças” ser frequentemente abordada na literatura nos últimos anos, ainda há uma carência atividades de educação em saúde efetivas voltadas à prevenção de agravos da automedicação e ao uso irracional de medicamentos nesta população, proporcionando ao usuário informações pertinentes quanto seus efeitos, consequências, a importância do esquema terapêutico adequado e do acompanhamento pelo profissional de saúde.

Esses dados justificaram a execução do projeto de extensão que originou o presente relato de experiência, que visou impactar positivamente a população atendida no referido hospital. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência de um projeto de extensão que executou ações de educação em saúde sobre o uso racional de medicamentos, voltadas para os pais e/ou responsáveis de crianças atendidas em um hospital de média e alta complexidade hospitalar e ambulatorial na cidade de Redenção – Ceará.

MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência acerca de ações de educação em saúde, provenientes do projeto de extensão intitulado “Educação em saúde voltada para o uso racional de medicamentos em crianças: empoderando pais e responsáveis” que aconteceu quinzenalmente de abril a outubro de 2023.

O projeto foi realizado em um hospital beneficente sem fins lucrativos, caracterizado por uma assistência de saúde de média e alta complexidade hospitalar e

ambulatorial, localizado no município de Redenção, no interior do Ceará. A unidade tem a quase totalidade de seus usuários provenientes do SUS. A população-alvo do estudo foram pais e/ou responsáveis de crianças de 0 a 12 anos que estavam sendo atendidas no hospital no período de abril a outubro de 2023.

O processo envolvido na organização do projeto de extensão aconteceu em quatro etapas: (1) escrita do projeto e elaboração das atividades de educação em saúde; (2) treinamento dos estudantes envolvidos no projeto de extensão acerca da temática, utilizando como referência as diretrizes sobre o uso racional de medicamentos e artigos científicos; (3) visita ao hospital para definição dos melhores dias e horários para a execução das atividades; (4) realização das atividades de educação em saúde.

As atividades de educação em saúde foram realizadas quinzenalmente nos dias que aconteciam os atendimentos pediátricos no hospital, antes ou após as consultas, conforme preferiam os participantes. No total foram realizadas 7 ações de educação em saúde durante os 7 meses de duração do projeto (Tabela 1). Foram excluídos das atividades pais e/ou responsáveis de crianças internadas ou que procuraram o serviço de emergência do hospital no dia da coleta. Nenhum dado pessoal, identificação do paciente ou outros dados que exijam vínculo com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) foram coletados no processo, por tanto, não houve necessidade de submeter o projeto à apreciação do Comitê.

Tabela 1 - Objetivos e atividades de educação em saúde desenvolvidas e seus objetivos

Atividade Desenvolvida	Objetivo da Atividade
1) <i>Quiz</i> de perguntas sobre automedicação pediátrica	Esclarecer dúvidas comuns sobre administração, armazenamento, conservação e descarte adequado de medicamentos utilizados em crianças.
2) Leitura e interpretação de bulas de medicamentos	Contribuir para a prevenção de efeitos adversos, uso inadequado de medicamentos e agravamento de condições clínicas decorrentes da automedicação infantil.
3) Oficina de elaboração de caixas organizadoras de medicamentos	Estimular a participação ativa do público por meio de um modelo ilustrativo e explicação interativa que favoreçam a compreensão prática a prevenção de erros de medicação.
4) Exposição de formas farmacêuticas	Promover a educação em saúde por meio de uma exposição didática sobre formas farmacêuticas, visando ampliar o entendimento do público acerca das características, finalidades, vias de administração e

	cuidados específicos relacionados a cada tipo de medicamento.
5) Folhetos informativos sobre o uso racional de antimicrobianos em crianças	Estimular a reflexão crítica, corrigir conceitos equivocados, fortalecer a autonomia informada dos cuidadores e o uso racional de antimicrobianos.
6) Roda de conversa sobre a administração correta de medicamentos e preparações caseiras	Ampliar o conhecimento dos pais e responsáveis de crianças atendidas no hospital sobre os riscos, consequências e práticas seguras relacionadas ao uso de medicamentos e preparações caseiras sem prescrição médica.
7) Publicações em mídia digital	Aproximar a comunidade do ambiente acadêmico e dos profissionais de saúde, promovendo integração, diálogo e corresponsabilidade no cuidado pediátrico seguro.

Fonte: A autora (2025).

Quiz de perguntas sobre automedicação pediátrica

Essa atividade ocorreu de maneira coletiva, enquanto os pais e responsáveis estavam aguardando o atendimento na sala de espera. Foram realizadas as seguintes perguntas: A automedicação pediátrica é segura?; Os pais podem administrar qualquer tipo de medicamento para seus filhos sem orientação médica?; A automedicação pode causar efeitos colaterais em crianças?; Existe algum tipo de medicamento que pode ser dado a crianças sem a necessidade de prescrição médica?; Os medicamentos genéricos possuem a mesma eficácia que os medicamentos de marca?; É possível usar alguns medicamentos para tratar uma condição diferente daquela que foi prescrita originalmente?. Os estudantes fizeram as perguntas e os pais e responsáveis responderam com placas com as opções "sim" ou "não", entregues a eles previamente. A cada pergunta respondida os pais interagiram, trocando experiências e esclarecendo dúvidas sobre determinados assuntos.

Leitura e interpretação de bulas de medicamentos

Essa ação ocorreu de forma individual, onde cada familiar era abordado e questionado se tinha interesse em ser orientado sobre a leitura de algumas bulas. Os seguintes aspectos das bulas foram abordados: dose recomendada, posologia, via de administração, possíveis reações adversas e interações medicamentosas. Além disso,

para os medicamentos que possuem as doses com base no peso corporal, foi ensinado aos pais como realizar esse cálculo.

Os seguintes medicamentos foram utilizados: Tylenol bebê®, Tylenol criança®, Pratium® (paracetamol gotas), Koid D xarope® (maleato de dexclorfeniramina + betametasona), Alivium® (ibuprofeno gotas), Profenid® (cetoprofeno xarope), Hixizine xarope®, Percoide® (prednisolona gotas). A escolha desses medicamentos foi feita por serem de uso frequente durante os casos de gripes, resfriados e alergias em crianças.

Oficina de elaboração de caixas organizadoras de medicamentos

Para essa atividade, os estudantes elaboraram uma caixa organizadora de medicamentos, utilizando uma caixa de sapatos. Para isso, foram construídas divisórias na caixa e marcadores com exemplos de indicações terapêuticas feitos com hastes de madeira, as quais poderiam ser fixadas em cada compartimento. Outra opção de uso da caixa seria como um organizador diário de medicamentos. Para isso, a caixa deveria ser dividida em 3 compartimentos, onde seriam fixadas etiquetas de “manhã”, “tarde” e “noite”, referente aos horários de tomadas dos remédios contidos nos blisters (Figura 1).

Figura 1 - Caixa organizadora de medicamentos



Fonte: UFPR (2023).

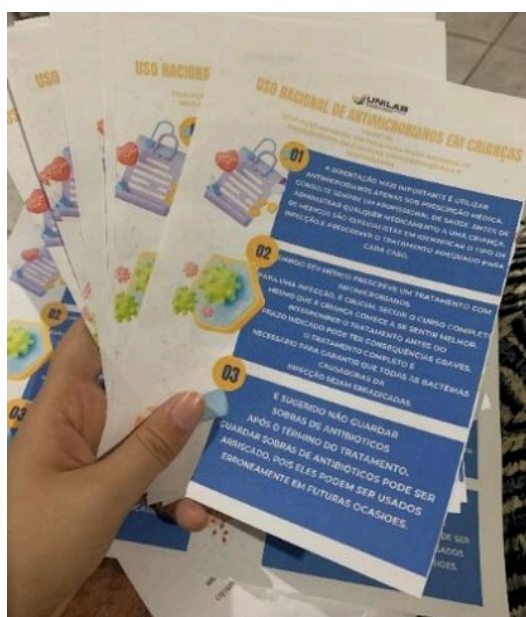
Exposição de formas farmacêuticas

Para essa atividade, os estudantes elaboraram uma caixa organizadora de medicamentos, utilizando uma caixa de sapatos. Para isso, foram construídas divisórias na caixa e marcadores com exemplos de indicações terapêuticas feitos com hastes de madeira, as quais poderiam ser fixadas em cada compartimento. Outra opção de uso da caixa seria como um organizador diário de medicamentos. Para isso, a caixa deveria ser dividida em 3 compartimentos, onde seriam fixadas etiquetas de “manhã”, “tarde” e “noite”, referente aos horários de tomadas dos remédios contidos nos blísteres (Figura 1).

Folhetos informativos sobre o uso racional de antimicrobianos em crianças

Os folhetos distribuídos continham informações sobre a responsabilidade em relação ao uso de antimicrobianos, importância de completar o tratamento para evitar o desenvolvimento de resistência aos medicamentos, segurança no descarte e armazenamento adequado (Figura 2). Essa atividade ocorreu de forma coletiva, no local onde os participantes que estavam aguardando a consulta. Os pais receberam os folhetos e os alunos explicaram a eles o conteúdo.

Figura 2 - Folheto informativo sobre o uso racional de antimicrobianos



Fonte: A autora (2025).

Roda de conversa sobre a administração correta de medicamentos e preparações caseiras

Foi realizada uma roda de conversa coletiva, onde foi possível explicar aos pais e responsáveis como realizar o uso racional de medicamentos e quais são os riscos da automedicação pediátrica, mesmo com medicamentos isentos de prescrição e preparações caseiras, como chás e xaropes. Buscou-se também instruir os participantes quanto às diferenças entre: reação adversa a medicamento, efeito colateral, reação alérgica e intoxicação medicamentosa, a fim de capacitá-los para que eles sejam capazes de detectar caso aconteça com a criança sob sua responsabilidade e o que fazer nessas situações.

Publicações em mídia digital

As ações do projeto também se destinaram a atingir pessoas de outras esferas, através da rede social da LIAFFH dentro da plataforma *Instagram*® atuando como a sétima atividade que aconteceu durante todo o período do projeto. As publicações foram elaboradas com linguagem simplificada e embasadas em fontes confiáveis (Figura 3) abordando de maneira *online* as informações que estavam sendo trabalhadas de forma presencial.

Figura 3 – Exemplos de postagem sobre o as atividades realizadas no projeto



Fonte: *Instagram* da LIAFFH (2025).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente artigo relata a experiência vivida em um projeto de extensão que foi elaborado com base em uma pesquisa previamente conduzida pela Liga Acadêmica em Farmacologia e Farmácia Hospitalar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, localizada em Redenção - Ceará (LIAFFH – UNILAB) no mesmo hospital. Nesse estudo anterior constatou-se que a comunidade local assistida por esse hospital não apenas demandava, mas também era merecedora de uma iniciativa voltada à promoção do uso racional de medicamentos na pediatria, pautada nos princípios orientadores da extensão universitária.

Sendo assim, a primeira atividade executada foi o *Quiz* sobre automedicação pediátrica. As principais dúvidas dos pais foram: em relação aos medicamentos genéricos, se estes possuem os mesmos efeitos dos medicamentos de referência; sobre o porquê de alguns medicamentos serem vendidos com retenção de receita e outros não e sobre o papel do farmacêutico na farmácia comunitária.

De acordo com Campos e Mattos (2022), a aplicação de métodos educativos em saúde contribui significativamente para a democratização do conhecimento, promovendo diversas práticas de saúde, incluindo o uso racional de medicamentos. Assim, a implementação dessa ação educativa proporcionou a construção de reflexões importantes sobre a segurança no uso de medicamentos em crianças, destacando o papel do farmacêutico como o profissional capacitado para orientar essa prática. Além disso, foi posto em prática o princípio extensionista no âmbito universitário, tendo em vista que as necessidades da comunidade externa foram atendidas através da disseminação do conhecimento produzido pela Universidade (Deggerone *et al.*, 2023).

Em outra visita ao hospital, a segunda atividade de educação em saúde foi implementada, a leitura e interpretação das bulas de medicamentos. Observou-se que muitos pais acreditavam, erroneamente, que a dose pediátrica é sempre 1 gota por quilo de peso corporal. Sendo assim, a orientação dos participantes através da leitura e interpretação de bulas de medicamentos foi essencial para fazê-los compreender de maneira detalhada as doses dos medicamentos indicados para crianças.

A atividade de leitura e interpretação de bulas de medicamentos contribuiu para combater o uso inadequado de medicamentos. Sabe-se que um dos principais problemas relacionados a este uso irracional é a intoxicação medicamentosa. Um estudo que

analisou as intoxicações medicamentosas de pacientes pediátricos internados em um hospital de referência e Fortaleza evidenciou que a exposição acidental foi a segunda maior causa de intoxicação (Salmito, 2023). Acredita-se que o incentivo à leitura das bulas antes de administrar os medicamentos nas crianças possa reduzir a incidência de intoxicações e reações adversas, promovendo assim um uso mais seguro e eficaz dos medicamentos.

Foi realizada, então, a terceira atividade que consta da Oficina de elaboração de caixas organizadoras de medicamentos. A apresentação da caixa aos pais e a discussão sobre a importância da organização de medicamentos pediátricos de acordo com as classes farmacêuticas e como isso facilita a melhor visualização dos prazos de validade foi de grande importância. O incentivo à organização dos medicamentos por classes farmacêuticas, auxilia na praticidade, na promoção da autonomia dos pais, na melhoria da segurança e redução de risco acidental ou uso indevido, caso o responsável não esteja presente (Leal *et al.*, 2022).

Na atividade de exposição das formas farmacêuticas, após cada pergunta os discentes consideraram as respostas dos pais e discutiram em uma linguagem acessível, evitando termos técnicos e científicos, com o objetivo de facilitar a compreensão de todos. Salienta-se que a variedade de medicamentos disponíveis para o público pediátrico e neonatal é limitada em comparação ao número de medicamentos disponíveis para adultos. Para o uso em suas casas as formulações líquidas, como suspensões, soluções e xaropes, são geralmente preferíveis devido à facilidade de ajuste de dose e deglutição (Pereira, 2023).

O ideal é que novas formulações pediátricas sejam produzidas, para facilitar a administração de medicamentos, reduzindo erros de medicação, aumentando a aceitabilidade, a adesão ao tratamento e melhorando a segurança. Existem dois caminhos para aprovação de medicamentos pediátricos: o tradicional, que requer ensaios clínicos, e o de transição de formulação, em que essas formulações precisam demonstrar equivalência com as já existentes para adultos. Novas formulações que requerem aprovação regulatória exigem estudos de bioequivalência. Esses dados são obtidos de adultos e depois extrapolados para crianças, no entanto, não consideram diferenças fisiológicas importantes entre essas duas populações de pacientes (Juárez-Hernández; Carleton, 2022).

A atividade de elaboração e distribuição de folhetos informativos foi capaz de capacitar os pais para uma tomada de decisão consciente em relação ao uso de

antibióticos, destacando um costume comum entre os pais: a não realização do tratamento antimicrobiano por completo. Essa prática é a principal causa do desenvolvimento de resistência bacteriana.

Um estudo projetou que, até 2050, a mortalidade mundial aumentará significativamente, com infecções bacterianas resistentes a antibióticos causando mais mortes do que câncer e diabetes (Brito; Trevisan, 2021). Pesquisadores americanos realizaram um estudo com 300 crianças de 0 a 59 meses e identificaram, através da coleta de swab nasofaríngeos, a presença de *Streptococcus pneumoniae* em 35,7% das crianças testadas, além de altas taxas de resistência aos antibióticos tetraciclina (69,3%), oxacilina (26,7%) e azitromicina (9,9%) (Coulibaly *et al.*, 2020).

Antibióticos como a amoxicilina também são utilizados profilaticamente em crianças com desnutrição aguda grave, mesmo sem sintomas infecciosos, devido à probabilidade de infecção assintomática causada pela supressão do sistema imunológico nessas crianças (Isanaka *et al.*, 2016).

Além disso, o uso de antibióticos em crianças pequenas sem a confirmação laboratorial da infecção ou de testes de suscetibilidade antimicrobiana é comum. Isso pode potencializar o uso excessivo de antibióticos em infecções virais ou outros cenários nos quais essa classe de medicamento é inútil (Tadesse *et al.*, 2017). Diante disso, ações de saúde como a realizada neste projeto devem ser incentivadas não apenas para este público específico, mas de maneira ampla, considerando que se trata de uma problemática de saúde global.

A roda de conversa sobre a administração correta de medicamentos e preparações caseiras foi a estratégia escolhida para a 6ª atividade por ser uma abordagem coletiva que promove reflexões através do compartilhamento de vivências. Além de ser uma intervenção educativa e terapêutica, pois os participantes podem explorar suas experiências tanto internamente como compartilhá-las com o grupo (Brandão *et al.*, 2022).

A medicina complementar e alternativa está cada vez mais popular em todo o mundo, com uma variedade de preparações caseiras sendo consideradas naturais e, portanto, seguros. Apesar disso, existem questões relacionadas à segurança, eficácia e regulamentação, com um número crescente de relatos de reações adversas a esses produtos (Farrington *et al.*, 2019). Na China, há um elevado índice de adulteração com metais pesados em remédios naturais e fitoterápicos. Um estudo destacou que 41,3 %

das crianças com intoxicação por chumbo foram expostas a remédios caseiros (Mcrae *et al.*, 2024).

Cada vez mais as mídias digitais têm sido utilizadas como um instrumento para veicular informação acerca de procedimentos clínicos, doenças, formas de prevenção e educação em saúde tanto para estudantes e profissionais como para a população (Ferreira *et al.*, 2021). Desde a época da pandemia pelo Covid-19 o *Instagram*® vem auxiliando a extensão universitária através da disseminação de informações de forma confiável elevando conhecimento básico e técnico para o seu público (Roso *et al.*, 2023).

Por isso, optou-se por utilizar as mídias sociais para disseminar mais ainda o conhecimento entre os membros da comunidade. Essa estratégia aproveita a ampla abrangência e o alcance das redes sociais para tornar as informações acessíveis a um público mais amplo, contribuindo assim para uma conscientização mais abrangente (Lima *et al.*, 2021).

Ao final do projeto percebeu-se que as ações de extensão foram capazes de incentivar reflexões sobre a segurança medicamentosa na pediatria através do esclarecimento de diversos temas, como: medicamentos genéricos, horários específicos de administração de medicamentos, encorajamento e importância de consultas médicas e função do farmacêutico como auxiliador neste processo.

A importância das ações de extensão universitária se evidencia quando percebemos que o processo educativo promove a integração entre a universidade e a comunidade. Essas ações permitem a transferência de conhecimento sobre temas relacionados à saúde e doenças, capacitando as pessoas em questões importantes (Santana *et al.*, 2021).

Embora o projeto de extensão tenha contribuído para desenvolvimento do pensamento crítico dos participantes e ter promovido maior engajamento e empoderamento em temas relacionados a automedicação pediátrica, algumas limitações foram identificadas ao longo de sua execução. Uma das principais dificuldades observadas durante as atividades presenciais foi a falta de concentração por parte dos pais e responsáveis, ocasionada pela necessidade de cuidarem de crianças doentes que os acompanhavam.

Essa situação gerava interrupções frequentes, prejudicando a atenção dos adultos às informações transmitidas. Com o intuito de mitigar esse problema, propôs-se a inclusão das crianças nas atividades por meio de abordagens lúdicas, utilizando

exemplos que as envolvessem diretamente e promovendo sua participação ativa por meio de perguntas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto de extensão revelou-se de grande relevância para a conscientização de pais e responsáveis acerca das especificidades do uso de medicamentos em crianças, as quais diferem significativamente da terapêutica aplicada em adultos, desde a dosagem e posologia até os possíveis efeitos adversos.

Ressalta-se, ainda, que a prática da automedicação em pediatria, em determinadas situações, pode ocasionar prejuízos à saúde infantil. Por meio deste projeto, foi possível promover a disseminação do conhecimento para além dos limites da universidade, contribuindo para a formação de uma comunidade mais informada e crítica.

Contudo, é importante destacar que essa iniciativa não substitui o papel fundamental da equipe multiprofissional atuante no ambiente hospitalar. Médicos, enfermeiros e farmacêuticos têm a responsabilidade de orientar os pais e responsáveis sobre as particularidades do tratamento infantil, bem como esclarecer eventuais dúvidas que possam surgir ao longo do cuidado. Espera-se, portanto, que este estudo contribua para alertar sobre o desconhecimento acerca dos fármacos autoadministrados às crianças e prevenir possíveis reações adversas, intoxicações e inefetividades terapêuticas, proporcionando bem-estar aos pacientes

REFERÊNCIAS

ANUNCIAÇÃO, I.; MEDEIROS, A.; OLIVEIRA, F. S. Farmacoterapia pediátrica: as particularidades da utilização de fármacos em pediatria. **Revista Saúde & Ciência**, v. 9, n. 3, p. 117–133, 2020.

BEDHOMME, S. *et al.* Pediatric pharmaceutical interventions in self-medication: a descriptive study in community pharmacies. **BMC Primary Care**, v. 24, n. 1, p. 232, 6 nov. 2023a.

BEDHOMME, S. *et al.* Pediatric pharmaceutical interventions in self-medication: a descriptive study in community pharmacies. **BMC Primary Care**, v. 24, n. 1, p. 232, 6 nov. 2023b.

BOMFIM, V. V. B. S. *et al.* Automedicação em crianças de 0 a 14 anos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 6, jun. 2023.

BRANDÃO, I. de A. *et al.* Roda de conversa sobre medicamentos em um centro de atenção psicossocial em Salvador/BA: relato de experiência. **Enfermagem Brasil**, v. 21, n. 4, p. 524–538, 2022.

BRITO, G. B. de; TREVISAN, M. O uso indevido de antibióticos e o eminente risco de resistência bacteriana. **Revista Artigos.Com**, v. 30, p. e7902, 16 jul. 2021.

CAMPOS, H. M. N.; MATTOS, M. P. Território, significados e as potencialidades da educação em saúde para o uso racional de medicamentos. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 45, n. 3, p. 264-275, 9 ago. 2022.

COSTA, J. S.; SQUINELLO, L.; VIEIRA, T.; GUIMARÃES, J. S. **Automedicação. Scientific Electronic Archives**, v. 15, n. 9, 2022.

COULIBALY, B. *et al.* Pneumococcal carriage and antibiotic resistance in children younger than 5 years in Nouna District, Burkina Faso. **American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, v. 103, n. 2, p. 684–688, 2020.

DEGGERONE, Z. A. *et al.* Ações da Incubadora Social On-Line da UERGS em Erechim/RS. **Revista Extensão em Foco**, n. 30, jan. 2023.

FARRINGTON, R.; MUSGRAVE, I.; BYARD, R. W. Potential adverse outcomes of herbal preparation use in childhood. **Acta Paediatrica, International Journal of Paediatrics**, v. 108, n. 3, p. 419–422, 2019.

FERNANDES, D. L.; MATOS, L. A. **A relação da propaganda de medicamentos e a automedicação**. 2016. 34 f. Monografia (Graduação em Farmácia) – Faculdade de Pindamonhangaba, Fundação Universitária Vida Cristã, Pindamonhangaba, 2016.

FERREIRA, P. H. G. *et al.* Educação em saúde e e-learning: o uso da rede social aliada ao processo de ensino-aprendizagem da biossegurança em odontologia. *Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão*, v. 5, n. 9, 2021.

FREITAS, B. F.; MOREIRA, Y. C. Intervenções farmacêuticas e estratégias educacionais na redução da automedicação em pediatria: uma revisão de literatura. **Revista Científica Cognitionis**, v. 7, n. 2, p. 1–16, 2024.

ISANAKA, S. *et al.* Routine amoxicillin for uncomplicated severe acute malnutrition in children. **New England Journal of Medicine**, v. 374, p. 444–453, 2016.

JUÁREZ-HERNÁNDEZ, J. E.; CARLETON, B. C. Paediatric oral formulations: Why don't our kids have the medicines they need? **British Journal of Clinical Pharmacology**, v. 88, n. 10, p. 4337–4348, 2022.

LEAL, A. C. S. *et al.* Organização da medicação prescrita para idosos. **Bionorte**, v. 11, n. S1, 2022.

LIMA, M. A. G. *et al.* Impacto das mídias sociais nas ações de educação em saúde voltadas à população. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 2, 2021.

McRAE, A. *et al.* Lead in traditional and complementary medicine: a systematic review. **Reviews on Environmental Health**, v. 39, n. 1, p. 111–120, 2024.

PEREIRA, V. de L. **Processos de adaptação de formas farmacêuticas na pediatria: uma revisão integrativa**. 2023. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

ROSO, L. D. C., NUNES, S. R. F., LIMA, L. R. de; CUNHA, A. D.; FERREIRA, G. F.; COSTA, M. C. P. da, REIS, M. L. C.; CAMPOS, F. F. Vista do O uso do Instagram para a Promoção da Saúde: Uma Contribuição da Extensão Universitária. **Revista Extensão Em Foco**, 30, 68–83, 2023.

SALMITO, G. A. **Perfil dos pacientes pediátricos com intoxicações medicamentosas de um hospital de referência em Fortaleza – Ceará**. 2023. 67 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Mulher e da Criança) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

SANTANA, R. R. *et al.* Extensão universitária como prática educativa na promoção da saúde. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 2, p. 1-2, 2021.

SANTOS, L. P. dos *et al.* Análise da automedicação pediátrica em pacientes atendidos em hospital de alta complexidade. **Mundo da Saúde**, v. 47, n. 1, 2023.

SCHREINER, M. S. Paediatric clinical trials: redressing the imbalance. **Nature Reviews Drug Discovery**, v. 2, n. 12, p. 949–961, 2003.

SEN TUNC, E. *et al.* Evaluation of parents' knowledge, attitudes, and practices regarding self-medication for their children's dental problems during the COVID-19 pandemic: a cross-sectional survey. **BMC Oral Health**, v. 21, n. 1, p. 98, 2021.

SILVA, A. R. *et al.* Intoxicação medicamentosa infantil. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, p. 5072–5075, 2020.

SINGH, K. *et al.* Breaking the silence: challenges and opportunities in pediatric drug development. **Pediatric Research**, 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA – SBP. **No Brasil, 37 crianças e adolescentes são vítimas de intoxicação ou envenenamento todos os dias**. Disponível em:

<https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/no-brasil-37-criancas-e-adolescentes-sao->

vitimas-de-intoxicacao-ou-envenenamento-todos-os-dias-alerta-sbp/. Acesso em: 29 maio 2024.

TADESSE, B. T. *et al.* Antimicrobial resistance in Africa: a systematic review. **BMC Infectious Diseases**, v. 17, p. 616, 2017.

TIBÚRCIO, A. da S.; LUZ, A. N. da; ANDRADE, L. G. de. Automedicação em crianças. **Revista Ibero-Americana de Humanidade e Educação**, v. 9, n. 4, p. 1-14, 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The role of the pharmacist in self-care and self-medication**. 1998. Disponível em: https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/65860/WHO_DAP_98.13.pdf?sequence=1. Acesso em: 31 mar. 2024.

Recebido em: 07/07/2025.

Aceito em: 10/12/2025.